

NACIONALISMO

Maj ALUISIO DE UZEDA

Oficial de EM

1. INTRODUÇÃO

No momento em que vemos recrudescer em território brasileiro a abusiva utilização do substantivo título do presente artigo, como plataforma para políticos, termo obrigatório nos "slogans" nacionais, ideologia para alguns, índice de patriotismo para outros, ao mesmo tempo que preciosa e sutil arma de propaganda do totalitarismo marxista-leninista para uma minoria exaltada e não patriótica.

No momento em que percebemos que o adjetivo "nacionalista" chega a constituir apêndice ao patriotismo, sem a posse do qual os brasileiros deixam de ser patriotas para serem "entreguistas".

No momento em que vemos esse fato causar dissensões entre brasileiros produzindo reflexos já na Segurança Nacional. Resolvemos, unindo nossa voz a algumas já surgidas nesse sentido, alinhar uma análise fria e sincera, emitir alguns conceitos e considerações que julgamos irretorquíveis e chegar a uma conclusão para deleite de muitos, esclarecimento de alguns e reflexão de outros.

2. CONCEITUAÇÃO

Inicialmente procuraremos conceituar o termo.

Folheando diversos dicionários da língua portuguesa em uso corrente entre nós, verificamos que o termo "nacionalismo nada mais é senão que um sinônimo de patriotismo, sendo interessante de se assinalar que na esplêndida obra de F. J. CALDAS AULETE nem mesmo chegamos a encontrar tal termo e sim somente o termo nacionalista com o significado: "adj relativo a independência nacional, relativo a interesse da pátria; patriótico".

Então, pela lexicologia, nacionalismo é o mesmo que patriotismo, não é uma palavra nova e pespegá-la a patriotismo é uma redundância ou pleonismo injustificável.

Nacionalismo como sinônimo de patriotismo deve consistir num sentimento vivo (e não ideologia) da soberania da Pátria sobretudo em presença dos antagonismos e limitações de toda e qualquer natureza. No ardente anseio de auto-suficiência da Pátria, política, econômica, cultural e militarmente. Na disposição permanente de lutar contra aqueles antagonismos e por aquelas auto-suficiências. Na tristeza de não podermos sensatamente negar as dependências de naturezas várias, da nossa Pátria, em relação a outras nações mais ou melhor desenvolvidas.

No orgulho de pelo nosso próprio esforço, conseguirmos o desenvolvimento político, econômico, cultural, social e militar de nossa Pátria sem o recurso de invejas, ódios ou complexos.

Reconhecendo o valor da sociologia para o esclarecimento do fato ou fenômeno em causa, achamos deveras interessante a interpretação lógica, real e bem situada, apresentada pelo sociólogo francês JACQUES LAMBERT em sua obra "OS DOIS BRASIS" publicada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais em 1959. Dêste autor, vamos colher alguns trechos interessantes para a conceituação a que nos propusemos aqui.

O eminente sociólogo nos mostra que "há duas espécies de nacionalismo conforme seja êle oriundo de um país próspero, adiantado, culto e desenvolvido ou de um país pobre, atrasado e subdesenvolvido".

Diz ainda o sociólogo caracterizando o nacionalismo da primeira espécie: "é um nacionalismo orgulhoso, confiante no valor do país e no seu futuro", onde os seus propugnadores estão "certos de que o país é ou será amanhã, maior, mais rico e mais forte", onde "não se sente inveja do estrangeiro, tem-se mais tendência a lamentá-lo que desprezá-lo", que "não pode temer estabelecer contato com os estrangeiros porque sabe que o faz em pé de igualdade e talvez mesmo de superioridade" (o caso das relações com o bloco soviético para o Brasil é um problema particular e especial que foge a essa generalidade por motivos claros que não cabem aqui comentar) onde "não se precisa desconfiar dos capitais estrangeiros, pelo menos do privado, pois se o país oferece aos que nêle investem, mais vantagens do que nos países de onde provêm, não se tem dúvida de que em breve êsses capitais serão nacionalizados e provávelmente também os capitalistas". Não ocorre aos possuidores de tal nacionalismo o temor de uma forma indireta de colonização ou mesmo dominação econômica de povos que considera seus iguais e aos quais espera um dia ser superior.

Nos países subdesenvolvidos, diz o sociólogo "percebe-se um nacionalismo negativo, desconfiado e recluso". Ainda, "é um nacionalismo que contém mais amor próprio nacional do que interesses nacionais e os que o possuem não conseguem admitir que contatos com países estrangeiros mais desenvolvidos (mais uma vez faço a ressalva para o caso do bloco soviético idêntica à acima já feita) possam ter outra forma de consequência senão a dominação econômica ou servidão colonial. E ainda, "é o nacionalismo das sociedades indígenas que sofreram processos colonizadores e que, antes de mais nada, querem dessa forma afirmar ou reafirmar a sua independência. É o nacionalismo fruto de reflexos do passado e não da confiança no futuro, não quer admitir estrangeiros e fazer pela absorção dos mesmos e sim prefere isolar-se com receio de ser explorado e humilhado.

É nacionalismo que tem complexo de inferioridade, medo, covardia.

Há ainda a considerar na presente conceituação o papel que o nacionalismo como patriotismo vem exercendo para a sub-reptícia propaganda psicológica comunista.

Já em 1920 o 2º Congresso do Comintern em seu relatório final recomendava a "colaboração comunista com os movimentos indígenas de liberação nacional com o objetivo de trazê-los ao controle bolchevista". Esta recomendação tinha destino de aplicação, na época, para os povos subdesenvolvidos e colonizados da Ásia e África. Entretanto o resultado da aplicação desta estratégia foi tão compensador que tem evoluído através os tempos e cada vez mais se firma como verdadeira arma soviética para uso em sua "guerra fria" de conquista do poder político mundial, objetivo final do comunismo internacional.

É fingindo-se aliado do nacionalismo sadio que Moscou encontra os pontos fracos da armadura ocidental, encontra melhor oportunidade para embaraçar as potências colonialistas, ou não, ocidentais e exacerbar as relações destas com as populações coloniais ou subdesenvolvidas.

O comunista sabe que o sucesso de qualquer movimento político depende de sua ligação com o nacionalismo. Então sua primeira atitude na luta pela conquista do poder político da nação que tem em mira é o aliar-se às manifestações nacionalistas desta, principalmente porque assim fazendo estará, ao mesmo tempo que ombreando-se com os nativos locais, lutando pela tolerância da Rússia e repulsa dos países estrangeiros, isto é, está atingindo o seu objetivo de unificação mundial.

Conseguido o alijamento completo das "potências estrangeiras", ao mesmo tempo que consolidada a certeza ou sinceridade da aliança russa, um simples golpe político conduzido por líderes comunistas ou comunistas adredemente colocados em posições chaves, dará ao comunismo internacional, ou seja à Rússia, o acalentado objetivo, a sovietação daquele inocente, incauto e infeliz país.

Com tenaz e persistente propaganda muito bem dirigida, o comunista acena com aparentes vantagens do seu sistema, capaz de proporcionar um rápido florescimento econômico, ao país subdesenvolvido que não resiste ao insinuante profeta que lhe promete uma solução definitiva e eficaz para seus problemas, dizendo-se ou mostrando-se aliado a seu nacionalismo ou patriotismo.

Não há dúvida que é um caminho arriscado para o comunista, pois está sujeito, como já tem acontecido, a, antes de conseguir dar seu golpe final, ver-se golpeado pelo aliado fortuito de ontem. Mas o tempo e a experiência têm servido aos comunistas para cada vez mais aperfeiçoarem seus métodos e hoje vêem essa possibilidade adversa como muito remota.

Para verificar a exatidão da teoria acima levantada basta ao leitor, lembrar-se das conquistas comunistas da China, Coréia do Norte, Viet-Nam, Nepal, etc., de ontem, Cuba de hoje e observar a conjuntura atual dos países africanos recém-libertos.

Para provar a assertiva acima levantada, é ainda interessante de se observar, nos pronunciamentos e exacerbações "nacionalistas" um movimento de oposição principalmente dirigido ao Americano do Norte, líder incontestado do bloco ocidental e inimigo principal da Rússia, líder do bloco oriental.

Não resta dúvida portanto de que há um "nacionalismo dirigido" pelo comunismo, nacionalismo explorado pelos comunistas, de interesse dos soviéticos, nacionalismo que para estar de acôrdo com os métodos marxista-leninista prega a revolta, a subversão, as encampações puras e simples, que procura culpar o "estrangeiro" por tudo de mal que temos em nossa situação econômica, agrária, industrial, social, etc. E os propugnadores desse nacionalismo exaltado, que chamam os seus não seguidores simplesmente de "entreguistas", nacionalismo xenóforo e jacobino, são inocente ou conscientemente aliados dos comunistas, patriotas invertidos.

Esse "nacionalismo" é suspeito, não é patriotismo, pois contém algo mais que não está abrangido neste, esse sim poderá ser considerado como um apêndice a ser adicionado ao patriotismo.

3. ADAPTAÇÃO AO BRASIL

Depois de considerado o nacionalismo em seus campos léxico, sociológico e pragmático vamos, movidos da mesma disposição de espírito, sincera e fria, situá-lo na conjuntura atual brasileira.

De acôrdo com a lexicologia não há o que adaptar e sim a confirmar, isto é, que o verdadeiro nacionalismo confunde-se com patriotismo e dêle ninguém precisa estar fazendo alarde especial buscando destacá-lo ou considerá-lo como uma particularidade do patriotismo.

Do ponto de vista sociológico, considerando-se que o Brasil, por suas estruturas, econômica e sociais é ainda classificado como País subdesenvolvido.

Reconhecendo que no Brasil existe de fato o fenômeno de nêle se encontrar algumas áreas bem desenvolvidas, prósperas e cultas, formando verdadeiras ilhas em meio à maioria de seu território subdesenvolvido, pobre e inculto. É perfeitamente aceitável e compreensiva a afirmativa do sociólogo em foco de que em nosso País, vicejam dois tipos de nacionalismo. No Brasil desenvolvido caracterizado pela região de SÃO PAULO, representada por uma agricultura e indústria progressivas, o brasileiro se mostra nacionalista orgulhoso e confiante no futuro e valor do seu País, não há inveja ao estrangeiro e sim uma perfeita integração com o mesmo sem subordinações mesquinhas.

No Brasil subdesenvolvido caracterizado pelo seu Nordeste o brasileiro é um nacionalista desconfiado, recluso, que chega a um "bairrismo" extremo e exagerado, que teme o contato com o estrangeiro, que vê no estrangeiro um colonizador antes de tudo, que prefere seguir

a tradição recebida dos seus antepassados a receber e utilizar o progresso científico que lhe seja oferecido.

Note-se que mesmo dentro de regiões desenvolvidas perduram quistos subdesenvolvidos e nestes o segundo tipo de nacionalismo ainda.

As duas formas de nacionalismo no Brasil são inevitáveis. Dependendo de qual delas seja a dominante, esse nacionalismo poderá ser construtivo ou destrutivo.

Do ponto de vista da exploração do nacionalismo pelos adeptos da comunização mundial, forçoso é reconhecer depois de estabelecida a teoria acima tentada, que o Brasil pela sua situação econômico-social é campo fértil para a vicejação de tal tática envolvedora.

Lembremo-nos de que não há um comunista confesso ou reconhecido como tal, que não alegue ser um nacionalista. Os nacionalistas, principalmente os do segundo grupo citado pela sociologia, são arrastados a comungar com o comunista, oportunista e mais "esclarecido", de tal forma que ao fim de pouco tempo os dois se confundem, se amalgamam e são ambos propagandistas de um "nacionalismo" inteiramente orientado pelo mais "esclarecido", mais culto, o comunista.

Não temos dúvida e os fatos estão aí para provar, que a maior parcela do tão decantado "nacionalismo" de hoje em nosso País, está inteiramente impregnada da influência comunista. Não fôsse assim, não teria forças para se transformar em ideologia como vem acontecendo entre nós e a exemplo do fenômeno idêntico de países que se sovieteram ultimamente tais como Tcheco-Eslováquia, China, Cuba, etc., etc., faltar-lhe-ia organização, liderança e recursos que é justamente o que têm os comunistas e muito bem. Lamentável é que tão poucos reconheçam esta verdade que é fruto de um estudo e meditação fria, sincera e objetiva de uma situação mundial refletida sobre nosso País, sobre nosso homem grandemente capacitado sociológica e economicamente para receber e aceitar uma influência dirigida mesmo que do exterior.

Basta que estudemos um pouco a teoria marxista-leninista, atentemos para suas máximas e táticas e observemos a sua evolução e aplicação no mundo, para facilmente concluirmos que de fato nossa bem-amada e infeliz Pátria está sendo gradativa e progressivamente impregnada de uma ideologia exótica contrária a todas nossas tradições, origens e anseios, quase que inconscientemente já que nenhuma reação de vulto tem apresentado contra tal.

E diga-se também, muita culpa cabe a nossos homens públicos — principalmente políticos que para se verem alçados ou eternizados em cargos públicos e políticos não titubeiam em dar apoio, distribuir graças a aceitar acôrdos com elementos que direta ou indiretamente estão a serviço de uma potência estrangeira que por intermédio de uma muito bem planejada e melhor organizada propaganda, constituída de verdadeira guerra psicológica, procura ascender ao poder político mundial e do qual já conta com ponderável parcela.

Nossa História, dos tempos em que éramos relativamente mais bem desenvolvidos econômica e politicamente, está cheia de exemplos de verdadeiros patriotas que nunca precisaram de ter pespegado a suas atitudes em favor do Brasil, o termo de nacionalista. Ninguém se lembrou até hoje de citar RIO BRANCO, CAXIAS, ABREU, FELIPE CAMARÃO, HENRIQUE DIAS, VIDAL DE NEGREIROS, e tantos outros como "nacionalistas".

No entanto percebe-se que há uma preocupação atual, principalmente entre os homens públicos e políticos, de fazer essa distinção, ou melhor, de adicionar ao patriotismo o seu sinônimo nacionalismo e com isto constituir plataforma de defesa de um Brasil supostamente subjugado e por tornar-se independente ainda.

Estão aí as Frentes, Alas, Partidos, Movimentos, etc., todos ostentando em altos brados as suas intenções "nacionalistas", dizendo-se em oposição aos que chamam de entreguistas. Por que isso? Para que isso?

É interessante de se notar que esse "nacionalismo" volta-se quase que exclusivamente contra os EE.UU. da América do Norte. Será coincidência?

Esse nacionalismo decantado por nossos "nacionalistas", em geral, se resume a um movimento de oposição ao que é estrangeiro. Esta oposição só teria sentido essencialmente nacionalista na proporção em que fôsse uma luta a favor do Brasil e não uma simples campanha de ódio orientado como sói acontecer.

Esses "nacionalistas" temem ou recusam-se a confessar que sua Pátria não pode, no estágio em que se encontra, prescindir do auxílio externo, no entanto pretendem que países estrangeiros auxiliem o Brasil naquilo que quisermos, no exato momento que exigirmos, com quanto reclamarmos, pelos prazos que estabelecermos, nas condições que determinemos, tôdas às vêzes que quisermos, para o fim que nos convir, verdadeiro contrato "sui-generis" único compatível com a soberania brasileira.

Bem sabemos que dominação econômica é uma das mais odiosas e deprimentes formas de escravização. Não poderemos desconhecer que benefício desinteressado entre indivíduos é raro e entre nações é impossível.

Mas prejudicar-se economicamente subjugado por um capital estrangeiro que não temos sabido disciplinar, capital estrangeiro que só benefício poderá trazer a quem dêle está ávido, é prejudicar-se inferior, é ter complexo, é sinal de incompetência.

Um País que ainda não pode prescindir de livros estrangeiros, que ainda carece de maquinaria pesada e meios de fabricá-la, que tem sua moeda cada vez mais desvalorizada, que tem sua exportação tão insuficiente para fortalecer-lhe a moeda, que ostenta um padrão de vida acima de suas posses reais, onde sobra o luxo e falta o necessário, que apresenta tanta carência de divisas, tem sua situação econômico-fi-

nanceira tão débil, e que até hoje depende de um único produto não essencial para a obtenção de suas divisas, não pode se dar ao simples prazer ou mal orientado sentimento de jacobinismo xenófobo.

Nenhum país do mundo é auto-suficiente, nem o nível atual da ciência humana o permite isolar-se da comunhão das nações independentes, para se dar ao luxo de dizer-se ou tornar-se realmente neutro, para isolar-se dessa contenda mundial atual em que se digladiam "em guerra fria" dois blocos de países, um de países livres e democráticos e, outro de países escravizados a um totalitarismo ditatorial de um grupo de homens que querem ser considerados como Deuses de uma religião que se chama comunismo.

Não se trata de optar, e muito menos de fingir adesão a um para melhor beneficiar-se do outro, o que seria desonesto e traiçoeiro.

Trata-se de não hostilizar o país que atualmente é o único capaz de liderar o bloco a que pertencemos e do qual não devemos querer sair, reconhecer a superioridade dêsse líder sem inveja ou complexo, não nos descurando daquilo que temos de igualdade e algo até de superioridade sem necessidade de recorrermos a comparações vexatórias, imitações espúrias ou injúrias descabidas.

Dispamo-nos um pouco de uma megalomania que nos caracteriza, baixemos os olhos a nossos pés, pensemos em nós mesmos sem fitos comparativos ou imitativos com outros povos mais, ou menos, adiantados que o nosso, reconheçamos (e disto não há do que se envergonhar), a nossa situação de subdesenvolvimento e saibamos com patriotismo utilizar do auxílio que não podemos prescindir e vindo de quem em melhores condições está para fazê-lo, para daquela situação sair e evoluir para um Brasil realmente mais desenvolvido, sem desvio de nossas tradições e conveniências democráticas e cristãs, ao invés de estarmos acatando ideologias importadas e suspeitas fazendo com isso o jôgo que interessa ao inimigo do sistema, ao comunismo internacional.

Trabalhemos em esforço honesto, conjunto, planejado e sem interrupções de ordem politiqueria, pelo nosso desenvolvimento, por nosso próprio esforço, já que a nós mesmos cabe a culpa por tudo isto de mal que, com lamúrias, politicagem, populismo, desenvolvimentismo, desonestidade, incompetência, soluções paliativas, etc., temos querido resolver. Não fuçamos ao problema acomodaticamente inculcando a outrem uma responsabilidade que só é nossa.

Se déssemos maior e mais honesta atenção ao nosso homem, sem pensar que u'a mera confusa e prolixa legislação trabalhista (que ela mesma não é cumprida a risca) fôsse suficiente para resolver nossas necessidades sociais. Se não tivéssemos abandonado nossa agricultura em proveito de uma industrialização galopante e desordenada. Se déssemos mais atenção ao problema educacional. Se a militança política fôsse exercida como serviço público e não como emprêgo público ou meio de vida como vem sendo considerada por u'a minoria que se en-

crustou nos cargos eletivos ou comissionados e fazem "qualquer negócio" para desta situação privilegiada não mais sair. Se tivéssemos um maior e melhor distribuído espírito de sacrifício que nos permitisse basicamente sair da aflitiva situação econômico-financeira e suas conseqüências inflacionárias e deletérias, problema primeiro a ser enfrentado e sem o encaminhamento do qual não poderá ser resolvido nem talvez equacionado qualquer dos outros que nos afligem. Se fôssemos menos egoístas individualmente e tivéssemos mais espírito público, a conjuntura nacional seria bem outra que a atual.

Não haveria campo propício para medrar êsse nacionalismo exótico que hoje infesta-nos.

Fala-se hoje, tanto em reformas de base. Será que não é o nosso próprio homem quem estará a merecer primordialmente uma reforma de base?

Parece que há entre nós mais preocupação com o "nacionalismo" do que com patriotismo, há muito "nacionalismo" e pouco patriotismo, isto sim.

Já tive oportunidade de ouvir de político e jornalista conceituados o elogio feito a determinado indivíduo em que se alegava distintamente que "fulano é pessoa de confiança porque é nacionalista e patriota". Assim, distintamente é que se interpreta e reconhece os termos nacionalismo e patriotismo, o que a nosso ver contraria a própria gramática portuguesa, comprova nosso estado de subdesenvolvimento e ao mesmo tempo satisfaz os planos e desígnios do comunismo.

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

Da análise que acima fizemos da qual não soubemos nos conter para deixar de fazer ligeiro comentário, conclui-se:

a. que nacionalismo e patriotismo na verdadeira acepção da palavra são substantivos sinônimos e como tal poderão ser usados indistintamente, não havendo razões para distingui-los;

b. que o Brasil por sua estrutura sócio-econômica geral de subdesenvolvimento em relação ao padrão médio do restante do Mundo é um País onde o nacionalismo ou patriotismo tem ainda um sentido muito introvertido, desconfiado, negativo face às sociedades estranhas e reacionário face ao progresso;

c. que o comunismo internacional por sua teoria e tática aplicadas, usadas nos países e povos que já conquistou ou busca conquistar, tem na exploração do sentimento nacionalista dos seus "alvos", um poderoso e eficaz aliado e arma contra as reações possíveis quer internas quer externas à sua implantação.

A História passada e a conjuntura mundial presente aí estão para demonstrar a exatidão desta afirmativa;

d. que em consequência dos dois últimos subitens acima, o "nacionalismo" que viceja com alarde atualmente no Brasil é de colorido eminentemente comunista.

Reconheçamos que a exaltação do mesmo vem crescendo em paralelo com o sucesso da propaganda e impregnação comunista entre nós, não como uma reação a estas mas como uma aliada.

5. CONCLUSÃO FINAL

Concluindo a presente, sincera e julgamos nós, irretorquível exposição que em linhas gerais mais objetivas, fizemos acima, cabe-nos, como brasileiro nacionalista por ser patriota e não apenas nacionalista ou nacionalista e patriota, fazer um apêlo à razão dos nossos patrícios que inconscientemente estão se deixando enredar nesta teia meliflua que tem como finalidade a conquista do poder político para em repentina manobra de surpresa implantar o regime comunista soviético em nossa Pátria, ocasião em que êsses mesmos "nacionalistas" que hoje são aliados, serão postos de lado por desprezo ou supressão física, por já não serem mais necessários àqueles.

Concito meus patrícios mal informados, ingênuos ou de boa fé a que leiam, estudem e se aprofundem na doutrina marxista-leninista, não na distribuída pelos próprios comunistas que é falsa, mas na de observadores e estudiosos democratas do assunto e como eu, percebam onde está a verdadeira verdade.

Que sejamos ou continuemos a ser apenas patriotas pois se assim o formos de fato, estaremos sendo nacionalistas, implicitamente.

Que repudiemos essa exacerbação esquerdista de "nacionalismo" apêndice de patriotismo e com isto estaremos tolhendo de meios de luta ao principal inimigo da comunidade católica e cristã mundial e assim do Brasil e do momento, o comunismo internacional.

Procuremos ser mais orgulhosos de nós mesmos e percebendo que somos um povo e nação onde há todos os requisitos para sermos felizes, evoluídos e ricos, olhemos para nossos irmãos de Pátria e despindo-nos de todo egoísmo, procuremos salvar suas mentalidades, levantando suas morais, esclarecendo-os da realidade.

Fazemos êsse apêlo à maioria dos brasileiros que sei, ainda felizmente, estão em condições de se reencaminharem ou manterem-se alérgicos a êsse tipo de propaganda, de pregação, de "nacionalismo" que nos está fazendo relegar o patriotismo a segundo plano.

Aos já convictos nada mais tenho a dizer, repudio-os, observo-os e peço a Deus que os ilumine.